

Stadium

N.º 140 ★ 8 DE AGOSTO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

NESTE NÚMERO:
SEPARATA

Com a 3.ª fôlha da série de
emblemas dos clu-
bes desportivos



HENRIQUE CALADO
NO «ZUARI»

Com o qual conquistou no domingo o «Grande
Prémio» do Concurso Hípico de Oeiras

O campeonato de Portugal entre clubes, segunda categoria foi ganho pelo INTERNACIONAL

TERMINOU na última semana, nos «courts» da Curia, o campeonato de Portugal de 1944, entre clubes (2.ª categoria).

Disputaram a final dessa importante competição as equipas do Clube Internacional de Futebol e do Lawn-Tennis Club da Foz, vencedoras, respectivamente, das eliminatórias das zonas Sul e Norte.

Desta maneira, o encontro valeu não só pela importância do título que decidia, mas também pela possibilidade de confronto entre o valor actual do «tennis» lisboeta e portuense, servindo, portanto, uma rivalidade que não cansa.

Antes de qualquer referência ao comportamento das equipas finalistas ou de qualquer comentário que o encontro possa merecer, não queremos deixar de fazer um reparo à organização deste encontro, a cargo da Federação da modalidade. E que não se justifica que o delegado da entidade dirigente, designado para este encontro (não sabemos quem foi), não tenha feito disputar num só dia as cinco provas que o encontro comporta. A circunstância do vencedor ter ficado apurado após a conclusão da quarta prova pode ter feito perder o interesse pelo resto do encontro, mas não devia ter feito perder a regularidade da competição. O resultado estava em 3-1; devia ter-se fixado em 3-2 ou 4-1, quer fazendo jogar a prova que faltava (pares-mistos), quer marcando o «W. O.» se alguma das formações não estava presente ou preferia desistir.

A maneira como se procedeu abriu um precedente bem desnecessário.

A luta era aguardada com muito interesse e bastante expectativa. A maioria dos prognósticos era favorável aos lisboetas, ainda que se pensasse que a sua tarefa iria a ser difícil.

O desenrolar da luta desiludiu e a equipa do Internacional pôde patentear, mais claramente do que de se previa, a sua superioridade em relação aos portuenses.

Sem dispor de um jogador notoriamente superior aos companheiros, tal como aconteceu em 1937, 1941 e 1943, quando esteve na final do campeonato, a equipa do velho C. L. F. apresentou-se, conseqüentemente, mais homogênea. Mas não foi neste facto que residiu a vantagem dos lisboetas. Mais do que isso, valeu-lhes o apresentarem-se mais bem preparados, mais treinados do que os portuenses.

Esta é a opinião geral de quantos assistiram ao encontro.

Importa salientar tal circunstância, que pode constituir aviso para aqueles dirigentes clubistas que pretendem dominar os restantes clubes praticantes da modalidade só porque estes dispõem de menos recursos. O exemplo é frisante: se a eliminatória de Lisboa não tivesse sido disputada por 6 clubes, representados por 9

equipas, ao Internacional não teria sido possível apresentar-se tão bem preparado, visto que os encontros que disputou foram o seu melhor treino.

O contraste com os portuenses é flagrante, pois o Lawn-Tennis da Foz, com bons elementos, não teve de disputar um único encontro para alcançar a posição de finalista.

O grupo campeão de Portugal, que foi bom representante do «tennis» lisboeta, merece o título. A equipa apresentou-se constituída por Rui Pereira (cap.), José Pedro Gaivão, António M. Azevedo Gomes, Júlio Bandeira Bastos e Maria José Silva, alinhando com a formação que apresentou nos três encontros da eliminatória da zona Sul. A nitidez da vitória do C. L. F. resultou, principalmente, da boa acção dos dois primeiros jogadores nas provas de «singulares», que encontravam certa dificuldade em bater, respectivamente, Luís Baptista e Alfredo Hardy Júnior. Azevedo Gomes, na equipa campeã, deixou também boa impressão.

No grupo portuense, a falta de treino constituiu a principal desvantagem.

DRIVE

PUGILISMO PROFSSIONAL

A retirada dos pugilistas moçambicanos

e a empresa TOBOX

A empresa «Tobox» resolveu dispensar os serviços dos pugilistas moçambicanos Fernando Matos, Manuel Braga e Jorge Tofei, recambiando-os para a África Oriental, donde vieram há cerca de dois anos. Esta decisão, segundo nos consta, foi motivada pelas exigências disparatadas que aqueles jogadores recentemente apresentaram, quando foram solicitados os seus serviços.

Dada a maneira generosa como eram tratados, gozando as delícias do sossego do corpo, sem preocupações de comida nem vestuário, os protegidos da empresa «Tobox» deviam ser mais modestos no pedir e mais gratos ao fazer preços.

Que cómico e sintomático o ar pacífico de um pugilista 2.ª série quando pede *doze contos* para jogar com outro colega do mesmo calibre! Em compensação, o Agostinho Guedes, autêntico titular, acha que os seus serviços podem ser remunerados com algo menos!

Há poucos dias tivemos conhecimento de que determinado campeão de Portugal preferia jogar em privado a receber

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

O novo plano de organização do campeonato nacional de futebol, depois de muito comentado e es-

tranhado por tantas opiniões quantos os interesses divergentes que a êle estão ligados, foi finalmente estabelecido por quem tinha autoridade para o fazer, a Comissão Administrativa da Federação, e devemos reconhecer que adoptando o critério do melhor bom senso e da preferível imparcialidade.

A abolição dos campeonatos regionais foi revogada para atender aos justificados reparos dos clubes, que os apresentam como a sua mais importante fonte de receita; e como o alargamento do campeonato nacional exige maior número de datas, houve necessidade de ir buscá-las ao período reservado à «Taça de Portugal», acabando-se assim com o tão discutido e condenado sistema do «à volta cá te espero...» Verificando-se agora a eliminação do primeiro jogo, redobra o valor emotivo do torneio.

A escolha dos novos admitidos ao campeonato seguiu a melhor solução, a única que em boa verdade se impunha: preferindo os representantes de duas regiões ainda não incluídas na prova, a Federação cancelou tôdas pretensões, que haviam sido um dos elementos de discórdia, de insolúvel discórdia, porque cada um intransigentemente pensava apenas nos seus interesses, sem curar de saber quais eram os reais interesses do desporto.

Assim, ofereceu-se a oportunidade de subir a duas associações com passado meritório e para o ano seguinte, com a ascensão lógica dos dois finalistas da Segunda Divisão, os mais fortes irão naturalmente substituindo os mais fracos.

NO ESTRANGEIRO

O acontecimento desportivo de além-fronteiras que mais prendeu as atenções dos desportistas

portugueses na semana passada foi, sem dúvida, o campeonato nacional de atletismo de Espanha, celebrado na nova pista de Gerona.

A expectativa pelos resultados justifica-se plenamente porque, ante a perspectiva do encontro Portugal-Espanha, já definitivamente marcado para Lisboa, em princípios de Setembro, consideramos-nos indirectamente interessados nas marcas obtidas pelos homens que serão, em futuro próximo, os adversários dos nossos campeões.

O confronto simples dos números, que traduzem o valor destes campeonatos nacionais das duas nações peninsulares, é francamente, expressivamente favorável para nós: os portugueses fizeram melhor em 100, 200, 400 e 5000 m., nas duas corridas de barreiras, nos saltos em comprimento, triplo e à vara e no lançamento do martelo; os espanhóis superaram-nos em 800, 1500 e 10000 metros, no salto em altura e nos lançamentos do péso, disco e dardo.

Pondo em competição, como num «match» ibérico teórico, os dois melhores de cada prova, e contando 3, 2 e 1 pontos aos classificados por ordem decrescente, somam-se 64,5 pontos para os portugueses e 38,5 pontos para os espanhóis.

Não formemos, porém, ilusões com esta base; o atletismo do país irmão vale muito mais do que os seus Nacionais indicam; a pista não devia estar em condições satisfatórias, faltaram alguns atletas de boa classe e outros apresentaram-se em má forma.

Para evitar desilusões é indispensável trabalhar muito e desde já pre-seleccionando os atletas possíveis e submetendo-os a treino cuidadoso e bem orientado.

quantia inferior a quinze mil escudos.

Ora, na realidade, um programa não se organiza apenas com dois, três ou mesmo quatro «ases». Está determinado superiormente que os combates preliminares, ou os dois primeiros, sejam compostos por pugilistas de 3.ª ou 2.ª série, para que estes possam igualmente exercer a profissão com regularidade. Se o combate de fundo e os de meio-fundo absorverem quantias elevadas, é quasi certo que as empresas se vêem forçadas a pagar mal aos restantes componentes. Ou então, pouco dispostas a despendir energias escusadas, resolvem como a «Tobox» agora fez: indo à companhia de navegação mais próxima adquirir três lugares para o primeiro vapor a partir e cessando com todos os compromissos.

Não seríamos, porém, absolutamente justos se deixássemos branco, sem o alvejar, o ponto iraco da empresa em foco.

Trata-se da sua reduzida acti-

vidade, que achamos lamentável e pouco propícia ao progresso do pugilismo. A «Tobox» dispõe de meios esplêndidos para organizar óptimas sessões, com programas desde o tipo modesto ao de carácter internacional, e algumas figuras estrangeiras de valimento pisaram já o ring do Campo Pequeno. Por conseqüência, não concordamos com a inactividade a que se dispôs a empresa — o que, de certo modo, pode ter influido no numerário excessivo que os moçambicanos solicitaram...

Exortamos a «Tobox» a que não deixe passar a presente temporada sem dar ao público, e principalmente ao pugilismo profissional, o seu concurso efectivo.

Com o Agostinho Guedes, o Licínio Passos, o Miguel França — três titulares em vesperas de pôr os títulos em jogo — não será impossível fazer um excelente programa.

RAFAEL BARRADAS

Galitos e Caminhense

em relêvo nos Campeonatos Nacionais de Remo

OS Campeonatos Nacionais de Remo na Figueira da Foz forneceram aspecto de imenso valor no que diz respeito à verificação da posição que os três principais centros do país têm actualmente no remo. Constituíram mesmo uma lição, um exame rigoroso às possibilidades actuais deste desporto. Ficou aprovado o que melhor soube dizer a lição, e não conta neste aspecto os examinandos estavam todos de posse de pormenores que os impusessem como fortes sabedores teóricos do assunto. Mas aquele poder de remada dos Galitos e Caminhenses chegou para convencer. Poder-se-á dizer que remam um pouco à sua maneira, mas remam e chegam. E convenceram-nos especialmente por sabermos como se têm preocupado com constantes treinos. Não é de qualquer maneira que se atingem, em ritmo enérgico, 32 remadas por minuto, como o Galitos, ou 36 a 38, como o Caminhense.

Assim, a juventude dos rapazes da Naval de Lisboa, por exemplo, não chegou para metade do poder dos remadores de Aveiro e Caminha, que conquistaram os nacionais com justiça. Merecida vitória, que pode ter duas consequências de interesse para o remo nacional: aumento de valor e de técnica por parte dos vencedores e forma de espelhar mais a compreensão de quanto precisam de trabalhar ativamente os que mais directamente sentiram as vitórias dos campeões de 1945.

Das características das regatas destes campeonatos: os azeiteiros e caminhenses, quando ganharam, foi quasi sempre por avanços folgados.

No entanto, coube à Associação Naval de Lisboa o aspecto emocionante das vitórias resolvidas sobre a linha de chegada. Foi o caso das regatas de «out-riggers» de 8 (seniores) entre os navais de Lisboa e do Fluvial e na 2.ª eliminatória da taça «A Tarde», com a C. U. F. — uma prova de diferença, após percursos de «praga e larga» no comando das regatas.

Em Viana do Castelo temos os azeiteiros e caminhenses seleccionados para o Campeonato Peninsular.

Hão-de fazer boa prova. São rijos e devem colocar-se no rio Lima em situação de vantagem.

Nota-se que há uma vaga de expectativa no remo, mas tudo indica que se está no caminho de atingir melhor desenvolvimento técnico.

As regatas do estuário do Mondego devem ter conseguido interessar mais e melhor os remadores, os clubes e os dirigentes.

Insistimos: os Nacionais da Figueira da Foz foram uma lição e um ex me, de que muito deve aproveitar a útil e salutar modalidade.

FERNANDO SÁ

“Flecha”

A MELHOR BICICLETA!

HOUVE desta vez unanimidade de opiniões na crítica especializada, na forma de apreciar os últimos campeonatos nacionais: oplauso incondicional à organização e ao preparo das instalações, encômio à classe demonstrada pelos participantes, justamente considerada o testemunho evidente dos progressos alcançados numa temporada notável e que são a consequência do trabalho bem orientado de alguns anos anteriores.

Não podemos ter ainda a pretensão de grandes cometimentos, mas podemos, sem receio de fracasso desprimoroso, alargar o limite habitual das nossas competições; as projectadas organizações com a presença de atletas espanhóis e franceses e, sobretudo, o 3.º Portugal-Espanha — já definitivamente assente para princípios de Setembro, segundo as maiores probabilidades nos dias 8 e 9 — vão servir muito melhor para o esclarecimento das nossas possibilidades e ainda para definir o limite dos recursos dos melhores atletas portugueses, que, em confronto apenas com os elementos nacionais, não podem, por ausência de luta, dar a medida exacta do seu máximo valor.

E' este o caso de Sampaio Peixoto, de João Silva e de Francisco Bastos, que consideramos os três melhores corredores do momento português, embora as suas marcas não atinjam a equivalência, em pontuação, dos tempos de Nâncio, Paquete ou Eleatério.

Os resultados das corridas de Francisco Bastos foram dos mais comentados nos Campeonatos Nacionais; todos esperavam melhor e manifestaram o seu desapontamento com apreciações depreciativas para a forma actual do atleta.

Quanto a mim, o problema é

Os Campeonatos Militares de Gimnástica

A NO ano nos acostumamos a apreciar através das apresentações de classes regimentais, nos campeonatos respectivos, a obra gigantesca de educação física da juventude, metódica e persistentemente levada por diante pelo exercício português.

No ano corrente, a competição tomou maiores proporções, praticamente com a presença de todas as unidades do país, divididas pelas quatro regiões militares e pela guarnição de Lisboa, num total que ultrapassou as noventa classes.

O campeonato de Lisboa foi o mais concorrido, com vinte participantes, sendo em muito reduzido número aquelas classes que não mereceram boa classificação. O júri teve dificuldade em atribuir os primeiros lugares, tão pequena era a diferença de pontuação entre os candidatos melhor cotados. No final, quatro participantes ficaram separados por um único ponto; foram eles: Defesa Anti-Aérea (cap. Herculano Cunha), 8 p.; Metralhadoras 1 (alf. Costa), 9 p.; Cavalaria 7 (sarg. Pereira Duarte), 10 p.; Cavalaria 4 (sarg. Pires Duarte), 11 p.

A prova de obstáculos despertou o habitual entusiasmo e pôs

OS CAMPEONATOS NACIONAIS

e as perspectivas do atletismo português

diferente: a forma de Bastos ficou bem patente com o seu «record» dos 2000 metros, distância que ultrapassa o limite das suas melhores possibilidades e só em excelente condição poderia atacar com êxito. Aconteceu, porém, que Bastos correu para ganhar a prova, para ser campeão, e não para melhorar o «record».

Há neste caso uma interferência da psicologia especial do corredor e que é preciso conhecer, para julgar com verdade. Lembremo-nos, para exemplo, que os dois «records» de 800 metros e de 500 metros (os seus melhores) foram conseguidos por Bastos em provas especiais, praticamente sem competidores.

O próprio corredor nos declarou que, levando em consideração a força do vento, correu os 800 metros nacionais sem outra preocupação além de ganhar; só assim se compreende que gastasse nos primeiros 400 metros 1 m. 3s. e apenas 59,9s. nos finais.

Nem tado, porém, quanto nos foi dado observar nos campeonatos nacionais deve ser encarado com absoluto optimismo luctatório.

Tomemos para exemplo os casos de Alvaro Dias, que acerta a chamada na tábua só quando calha, e de João Vieira, que prepara o seu triplo-salto com uma corrida de excessos quinze metros. Ambos demonstram delicadeza de preparação nos pormenores elementares da técnica, o que nada pode justificar; e como tão pouco se admite que os cam-

ponentes da estafeta 4x100 metros do Sporting, três dos quais com larga experiência e responsabilidades, se apresentassem fazendo as transmissões da pior maneira, dando a desagradável impressão de um improviso.

Temos o dever de maior rigorismo para com aqueles que mais se afanam nos seus triunfos.

Outro caso que prendeu tôdas as atenções foi o fracasso de Fernando Ferreira no seu assalto final contra o «record» das barreiras, depois da excelente e abontatória prova da sua série; dois toques na sétima e oitava barreiras desequilibraram-no ao ponto de chegar ao nono obstáculo com o passo trocado.

E' facto de há muito verificado a tendência dos «barreiristas» portugueses para o derrube, que na generalidade é provocado pela segunda perna. Não pode atribuir-se a falta a insuficiência na elevação, visto a primeira perna e a bacia passarem sem percalço; logo, o erro é de técnica.

O actual campeão enferma do mal geral e que facilmente poderá corrigir: o joelho da segunda perna deve afastar-se lateralmente à altura da anca, horizontalizando a coxa e, por detrás, a perna e o pé; ora o joelho direito de Fernando Ferreira sobe mais alto do que a anca, e a perna t. ma. por conseguinte posição obliqua para trás e para baixo, sendo assim o pé (em plano inferior) que toca e derruba o obstáculo ao ser puxado adiante.

O capítulo de lançamentos continua sendo de todos o mais fraco e o menos concorrido; isto deu lugar à participação de indivíduos absolutamente inexperientes, mas que, pela força das circunstâncias, marcavam pontos para o clube. Sucedeu isto no martelo e vimos no disco um atleta, com responsabilidades, que atingia maior distância sem girar no círculo, o que é contrário a tôdas as condições ortodoxas de técnica.

Julgo que estas anomalias se remediarão estabelecendo, a bem da moral, que, nas classificações por pontos, além dos três primeiros, só contariam concorrentes até ao quinto — com excepção dos dois últimos classificados; isto é, para atribuir pontos aos cinco melhores, eram indispensáveis sete participantes, e se estes fossem apenas cinco contariam pontos somente os três melhores. Não se admite, em provas de competição, que a simples presença seja bastante para assegurar um prémio.

Continuamos, aliás cada vez com maiores fundamentos, a discordar em absoluto das classificações colectivas em torneios de campeonato individual. A Federação deve promover, além do campeonato do modelo vigente, um outro — em novos moldes — que serviria para atribuir entre os clubes o título de campeão nacional por equipas.

SALAZAR CARREIRA

VASCO DO COUTO, do Hockey Clube

conquistou a taça "Mestre de Armas António Martins"

Crónica de AVELAR MACHADO

A disputa deste torneio da taça «Mestre de Armas António Martins» vale, para nós, pela melhor competição de espada dos últimos anos. A presença do dr. Carlo Agostoni, conhecido esgrimista olímpico italiano, criou ambiente magnífico de expectativa, justificado sobretudo pela curiosidade da luta a travar entre aquêle atirador e Henrique da Silveira, campeão português e também figura saliente nos torneios dos Jogos Olímpicos.

Apesar de não terem comparecido alguns dos nossos melhores espadistas — João Sassetti, Jorge Oom, Arménio Lopes, João da Cruz, Carlos Dias e outros — a prova decorreu com agrado e foi coroada por uma «poule» final esplêndida, a confirmar a subida gradual de interesse começada nas meias-finais.

As eliminatórias nada tiveram digno de menção especial. Registraram, mais ou menos, o curso habitual nas nossas provas de espada. Dos cabeças de série, Silveira e Agostoni dominaram com evidente naturalidade a maioria dos adversários, mas Vasco do Couto, como que a adaptar-se, não conseguiu atingir o nível inerente à sua categoria de atirador de veras forte.

Entre as exclusões verificadas neste grau da prova, surpreendeu-nos a de Luís Beltrão e, até certo ponto, a de Bustorff Silva. Soares Cardoso e Castro Bizarro podiam também figurar nas «poules» imediatas e valorizá-las — se estivessem devidamente preparados.

Nas meias-finais o torneio melhorou de modo sensível, quer sob o ponto de vista combatividade, quer



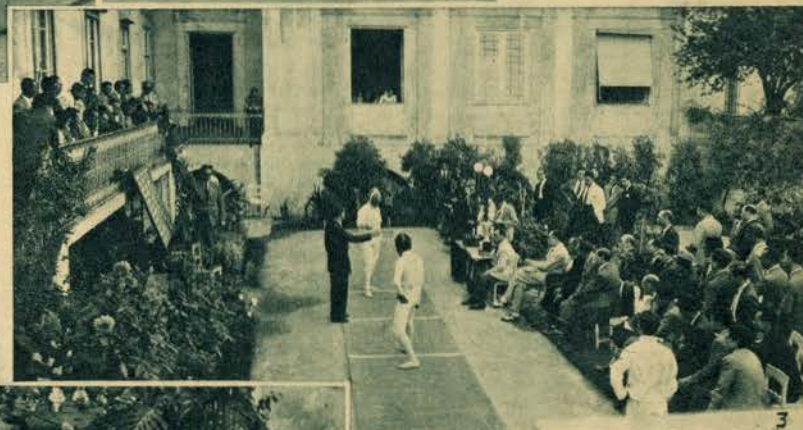
1 — Fase do assalto Silveira-Agostoni; 2 — Durante o combate entre o brilhante atirador olímpico italiano e Edmundo Franco, jovem representante da Mocidade Portuguesa. Agostoni recebe um toque ao braço; 3 — Aspecto da assistência à «poule» final; 4 — O grupo dos finalistas.



VASCO DO COUTO



CARLO AGOSTONI



técnicamente. Carlo Agostoni voltou a triunfar sem derrotas. A outra «poule» foi ganha por Velga Ventura, igualmente com vitórias e através de uma série de assaltos que devem ser dos melhores da sua actividade de esgrimista! Silveira sofreu duas derrotas e Vasco do Couto melhorou, embora ficando ainda àquém das suas vastas possibilidades.

Foram eliminados: na 1.ª, António Bayard, Ant ro Martins e Raul Worm; na 2.ª, depois de uma «barrage» necessária para estabelecer o sexto lugar, abandonaram a prova Jorge Figueiredo, Gouveia Franco e Raul Peres. Se é de aceitar a saída, nesta fase do torneio, dos três primeiros nomeados, por falta de inspiração ou porque a ascendência dos adversários o ditou; se é também lógica a exclusão de Figueiredo, pois as qualidades que patenteia para o desporto das armas não bastam para suprir a sua pouca experiência; e se devemos igualmente

aceitar a saída de Peres, visto que concorre aos torneios sem poder submeter-se à preparação necessária — é imperdoável para Gouveia Franco não se haver esforçado por atingir a situação de finalista. Entre a falange dos «novos», G. Franco é um atirador já com responsabilidades e deveres, possuidor de técnica de veras apreciável e de habilidade invulgar, mas deixa-nos a miúdo a convicção de que se desinteressa dos resultados, abandonando-se na condução dos assaltos, como que em demonstração de ter perdido o «élan» que o fez campeão de florete.

Assim se chegou à tarde decisiva deste magnífico torneio — aparados finalistas os olímpicos

(Continua na pág. 14)



90—João Jacinto Rodrigues, corredor de velocidade prolongada



1—O corredor vai no final da fase de impulsão e a atitude é bastante correcta, mostrando estilo quasi perfeito. A perna em apoio, em boa inclinação e completamente estendida, vai descolar pela ponta do pé, aproveitando até final o apoio no solo, para completa extensão do pé e mais rigorosa impulsão.

2—O movimento dos braços é um bom exemplo do sistema preconizado pelos finlandeses e hoje generalizado: a oscilação é acompanhada por variações no ângulo do cotovelo, de forma a manter a quasi horizontalidade dos antebraços, dando assim o máximo de eficiência à resultante propulsiva dos movimentos oscilatórios. O cotovelo do braço que avança pouco ultrapassa a linha transversa do tronco.

3—A posição apumada do tronco corresponde às necessidades estáticas do movimento de braços adoptado. Está perfeitamente enquadrada nos preceitos gerais do estilo.

4—Também a cabeça se encontra na posição devida e a fotografia mostra com clareza, pela forma da face, a maneira correcta de respirar, com o tempo expiratório activo, e esvaçar bem os pulmões do ar velado.

5—Encontramos na posição da perna anterior motivo para o único reparo ao estilo do corredor: consideramos insufficientemente elevado o joelho, prejudicando a amplitude da passada. A causa deve residir

na elevação do pé, que na primeira fase do apoio deve ser puxado para a nádega, obrigando o joelho a subir adeante. Aqui, o pé aparece oscilando demasiado próximo do solo.

91—Manuel Pires de Almeida, corredor de meio fundo

1—A fase é quasi correspondente à do comentário anterior e presta-se muito bem ao confronto de estilos. A perna em apoio começa a impulsão, com o calcanhar já deslocado, mas tem ainda o joelho ligeiramente flectido, o que é prejudicial.

2—O movimento de braços é correcto, mas de escola diversa do anterior. A posição relativa entre o braço e o ante-braço mantém-se durante toda a oscilação, mas neste caso também o cotovelo do braço que avança pouco ultrapassa o plano transversal do tronco.

3—O tronco, em harmonia com a dinâmica dos membros superiores, inclina-se mais para diante, mantendo-se a cabeça no prolongamento do mesmo eixo.

4—A perna rolante serve de exemplo ao que indicámos no caso anterior; a maior flexão do joelho, pela elevação do calcanhar à rectaguarda, empurra-o deops à frente mais para cima, facilitando o movimento pendular da perna e a abertura do compasso. A elevação do calcanhar em direcção à nádega observa-se bem na fotografia 91A, correspondente ainda ao primeiro periodo da fase de apoio (antes do início da impulsão).

5—É exagerada a flexão do joelho da perna em opolo, obrigando os músculos anteriores da coxa a uma sobrecarga inútil de trabalho estático.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeltos e virtudes



Estas três fotografias são muito interessantes e recomendamos-las ao estudo dos corredores, sobretudo as duas primeiras, pela correcção de estilo que nelas se verifica.

92—Eugénio Eleutério, detentor do «record» nacional dos 200 metros barreiros, e Sebastião Camões, segundo corredor nacional da especialidade

1—Ambos os corredores, pelo que se verifica, são melhores «velocistas» do que «barreiristas». Qualquer deles saltou o obstáculo em vez de o passar, com exagero de elevação, mais apreciável ainda em Camões. A perna anterior vai mal lançada, flectida pelo joelho, e em Eleutério, pior ainda, torcida para dentro.

2—Não houve a necessária abdução da coxa da rectaguarda, motivo talvez da excessiva subida do corpo.

3—Os braços de Camões estão em posição aceitável e o tronco inclinado à frente ajuda a transposição do obstáculo; mas os braços de Eleutério são simples balancelros, que contribuem para o equilíbrio, sem qualquer outra função activa, e o tronco apumado tampouco concorre para a maior rapidez da passagem.

Salazar Carreira

ONDE VAI O TEMPO

das camisolas às riscas verticais?...

DOS clubes históricos do futebol português apenas o Benfica e o Sporting escaparam à tendência para as camisolas com riscas verticais... O equipamento dos «encarnados» e as camisas bi-partidas dos «leões» eram excepções à regra quasi geral.

Os concorrentes dos dois grandes e eternos rivais, dês que haviam de ser os «colossos» do desporto português e que até na apresentação se distinguiram da maioria, os concorrentes—dizíamos—de há trinta anos, um desapareceu já do primeiro plano do futebol, e os outros por completo, usavam camisolas com riscas verticais. Era o Internacional, de alvinegro, o Império, de preto e amarelo, o Lisboa F. C., de preto e encarnado, e o Cruz Quebrada, de encarnado e branco. Nas categorias inferiores havia mais, respeitando a tendência: o Vitória setubalense, que, mais tarde, chegou a campeão absoluto da A. F. L., com o verde-branco actual; o Sacavenense, com equipa igual à do Lisboa e que prevalece ainda hoje; o União Lisboa, com as cores da bandeira espanhola, depois substituídas pelas mesmas do Internacional; o Palmense, o Futebol Benfica, na sua primeira fase; o Grupo Desportivo da Fábrica Seixas, que chegou a ganhar um campeonato das categorias inferiores; o Tejo F. C., que utilizava o campo mais pequeno do Império, e outros mais. Excepções eram, também, além dos dois «grandes», o verde do Chelas e o Aleneu Comercial de Lisboa, cujas camisas brancas apareceram a disputar varios torneios de 3.^{as} e 4.^{as} categorias.

Da provincia basta citar os mais antigos, a maioria respeitando ainda a tradição: o Futebol Clube do Porto e o Leixões; o Barreirense e o Luso rival; o Olhanense e o Farense (este ultimo de branco e preto, então); o Sport de Vila Real; os longínquos Marítimo, Nacional e União, do Funchal, e mais, muitos mais, quasi todos os que existiam espalhados por esse país fora, embora alguns dêles tenham, com o rodar do tempo, modernizado os equipamentos, sob a influencia da tendência imposta pelos mais novos.

A Academia coimbrã já tinha o seu «negro» actual, que fora buscar, compreensivelmente, às capas dos estudantes.

O padrão que constituia maioria quasi absoluto, caiu em desuso...

O Belenenses e o Casa Pia Atlético Clube, quando se fundaram, fugiram à rotina. Eram colecções modernas e como tal queriam apresentar-se em ludo. A fusão Império-Lisboa deu, também, fardamento de novo estilo: branco puro. Enlretanto, apareceram o Carcavelinhos e, pela provincia fora, mais equipamentos modernistas, aqui e acolá alguns excêntricos—e muitos de bom gosto e originalidade indistinctos.

Com o passar dos anos, as riscas verticais, pois, caíram em desuso, foram desaparecendo... Muitas colecções, das gerações anteriores, desapareceram, testiram-se de novo... As riscas horizontais, por influencia do Sporting, que as adoptara, também tiveram a sua fase e os seus adherentes.

E, entre os mais novos, quais foram os clubes que optaram pela preferência dos precusores?

A remodelação foi-se fazendo, a pouco e pouco. Quasi não se deu por ela. Mas, olhemos de roda, para os exemplos próximos... Em Lisboa, na I e na II Divisões, quais são as listas verticais que se vêem ainda? As do Sacavenense, as do Fúforos, apenas, entre catorze clubes! No Porto, unicamente os «tradicionalistas», Futebol Clube do Porto e Leixões. Etc., etc. E a prova tira-se, também, no Campeonato Nacional da I Liga: entre dez concorrentes, três!

E na II Liga (não temos presente, nem de memória, elementos que nos permitam uma estatística idónea) quasi jurávamos que quatro quintas partes dos concorrentes não têm camisolas com riscas verticais.

A evolução da moda, até no desporto!...

O que era vulgar, normal e corrente, passou a constituir excepção e a tornar-se notado. Com as cinturas espartilha, as das senhoras e os bigodes frisados do sexo forte, morreram as listas verticais no desporto... Ainda as há, claro. Ao vê-las, sentimo-nos recuar até aos tempos saudosos

JOEL PASCOAL

conhecido desportista, partiu para Lourenço Marques

PARTIU mais uma vez para Lourenço Marques o sr. 1.^o tenente Joel Azevedo da Silva Pascoal, conhecido desportista e nosso prezado amigo, que ultimamente havia ocupado os cargos de presidente da Associação de Futebol de Lisboa e de tesoureiro da Federação Portuguesa de Esgrima.



JOEL A. S. PASCOAL

O tenente Joel Pascoal volta à capital de Moçambique em serviço oficial—mas para dedicar ao desporto local todas as suas horas de ocio.

Há anos, durante a sua primeira estadia em Lourenço Marques, foi presidente do Sporting e

de Pathavã, de Sete Rios e das Laranjeiras...

Não queremos dizer que sejam de mau gosto, nem o nosso desprezioso artigo teve a intenção de condená-las. Tivemos unicamente em mira assinalar factos, registá-las.

Camisolas às riscas, como vão sendo raras! Quasi tanto como as saias compridas e os homens com calça justa—tradicionalistas, de resto, absolutamente dignos e respeitáveis...

CARLOS CORREIA

—INICIATIVAS DA «STADIUM»—

Qual o melhor jogador de futebol da época de 1944/1945

O inquérito da STADIUM

despertou extraordinário interesse

DENTRO do prazo marcado, ou seja até no último sábado, foi extraordinária a avalanche de votos recebidos na nossa redacção para este inquérito da Stadium. A catadupa de opiniões foi de tal ordem que até ao momento de fecharmos este número da nossa revista não houve tempo material de classificar e contar todos os votos recebidos. Sómente podemos informar os nossos leitores de que devem verificar-se profundas alterações em relação à última contagem publicada.

Para satisfazer inúmeros pedidos que recebemos, resolvemos prorrogar até sexta-feira próxima, dia 10, a recepção de votos para este nosso inquérito.

Por consequência, no nosso próximo número podemos transmitir aos nossos leitores de todo o país qual foi o jogador que a opinião dos entusiastas considerou como o melhor da época de 1944-45.

As nossas separatas

Neste número da STADIUM incluímos a terceira separata da série dos EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS PORTUGUESES.

Em preparação, além das tricromias anunciadas com as fotografias do «TEAM» DO SPORTING, vencedor da «Taça de Portugal», e da EQUIPA DO BELENENSES, que conquistou a vitória nos principais torneios de «basketball» desta temporada, a curiosa série da «BIBLIOTECA DA STADIUM».

ATLETISMO

As novas estafetas oficiais

A propósito das novas estafetas disputadas nos recentes festivais de atletismo, lemos algures que os tempos dos vencedores ficavam apenas como os melhores na prova respectiva—e nunca como «records», por as modalidades não figurarem na tabela oficial da Federação.

Como esta afirmação envolve desconhecimento do que está determinado, transcrevemos a parte referente do texto da circular, de 31 de Maio passado, da Federação Portuguesa de Atletismo: «A F. P. A. passará também a reconhecer os «records» das provas de triplo e martelo de 5 quilos, em juniores; 4x1000, 10x100 e 10x200 m.; estafeta sueca (400, 300, 200 e 100 m.) e estafeta olímpica (800, 400, 200 e 100 m.), em seniores. Na presente época, os atletas que tomem parte nas estafetas 10x100 m. e 10x200 m. não mudam de categoria por esse motivo. Os melhores tempos em 1945 nestas estafetas serão considerados unicamente como máximos nacionais, a não ser que todos os seus componentes sejam seniores, porque então serão considerados «records» nacionais».

Como se verifica, as marcas das

(Continua na página 15)

CAMPEONATOS REGIONAIS

Apontamentos e comentários

por ABREU TORRES

O S campeonatos da Associação de Natação de Lisboa merecem alguns comentários. Apresentaram determinadas características que são o reflexo fiel do panorama actual da nataçao portuguesa. Há problemas mais complicados e mais graves do que à primeira vista parece. Problemas pendentes da nossa nataçao, que vêm de há bastantes anos já e que adquirem, de ano para ano, maior acuidade.

Ho fim das três jornadas melhoraram-se oito «mínimos» de categorias inferiores. Magnífico, sem dúvida. Mas não pode afirmar-se, no entanto, que tenha havido progresso global. Progredia-se nalguns aspectos. Estacionou-se noutros. E alguns houve em que se retrocedeu. Sem piscinas, sem um lote numeroso de clubes a trabalhar com seriedade, a nataçao é um desporto que tem que viver — à parte os elencos do Algés e do Estoril — de casos isolados.

A bela modalidade retrocede, assim, no seu aspecto quantitativo. E retrocederá enquanto não houver piscinas!...

Dois clubes apenas: Algés e Estoril Praia

Que apresentassem um elenco de nadadores digno realmente desse nome, apenas dois clubes estiveram presentes nestes campeonatos: o sempre moço Algés e o Estoril Praia. Caf, Alhandra, Belenenses e Atlético fizeram-se representar, é certo, mas com um ou dois elementos.

Que contributo podem dar estes clubes à modalidade? Que

resta da secção do Sporting, dos nadadores do Pedraços e do Nacional? E de outros, como o Naval, Casa Pia A. C., Paço de Arcos e Adicence? Bem próximos estão ainda os tempos em que estas colectividades eram boas animadoras da nataçao. Não passam hoje, porém, de nomes do passado...

Um nome que brilha: Hety Heyman

A grande figura destes campeonatos foi Hety Heyman, a gentil holandesa que se fez nadadora entre nós. Hety Heyman é verdadeiramente um caso excepcional para o nosso meio. É justo acentuar que se trata de um prodoto do trabalho de um técnico português: Azinhais dos Santos. Depois, o magnífico conjunto de resultados obtidos: 1 m. 17,5 s. nos 100 metros-livres; 2 m. 51 s. nos 200; 6 m. 9 s. nos 400; 3 m. 32,3 s. nos 200 metros-brasos e 1 m. 30,7 s. nos 100 metros-costas. Tecnicamente, nada há a apontar-lhe. A sua prova nos 400 metros foi impressionante. Estilo, ritmo — tudo. E termina ainda com um belo «sprint». Nadadores portugueses:

é assim que se correm 400 metros...

Parabéns para Ana Linheiro

Ana Linheiro continua a melhorar as suas marcas com regularidade notável. Três provas, três títulos, três «records»! Em 100 metros-livres, igualou o «mínimo» que Maria Gouirinho possui desde 10 de Julho de 1938; em 100 metros-costas melhorou o seu próprio «record»; e nos 200 metros-livres também se apossou do respectivo «mínimo» de juniores. Cobria a distância em 3 m. 16,2 s. O «record» da prova era já antigo. Datava de 1937 e pertencia a D. Genoveva Moutinho de Almeida, com o tempo de 3 m. 30,2 s.

Outras senhoras — que para elas vão as honras destes campeonatos — estiveram em evidência. Lucília Angeja, que baixou para 3 m. 22,4 s. o «record» dos 200 metros-livres principiantes, Maria de Lourdes Teixeira Mendes, Maria Isabel Santos e Maria Glória Simões.

Não queremos deixar de saúdar também o reaparecimento da gentil Rosa Lopes. Ressentia-se, como é natural, da ausência das competições. A boa forma voltará, no entanto, dentro de pouco tempo.

Os «ases» de amanhã

Há uma geração que desponta. Há um núcleo de nadadores nas categorias inferiores que, a continuarem no mesmo regime de treino, pode, ao atingir o máximo das suas possibilidades, elevar consideravelmente o nível da nossa nataçao.

Jeremias Simões, que obteve nos 100 e 200 metros-livres principiantes tempos de verdadeira classe. Guilherme Patrone, que cobria os 100 metros-livres em 1 m. 7,3 s. E o mais recente de todos — o habilidoso João Franco do Vale, campeão de 100 metros-livres iniciados e que obteve nos 100 metros-costas um resultado que o coloca entre os melhores da especialidade — 1 m. 20,6 s.

Na esteleta de 4x100 metros-livres, principiantes, registou-se também novo «record». Pertence a proeza à turma do Algés, com Armando Rodrigues, Manuel Morais, Artur Malheiro e Guilherme.

Nam momento em que pouco podemos esperar dos consagrados — excepção feita a Mário Simas — confiemos nos novos, no desejo de que concretizem as esperanças que nêles depositamos hoje. Para isso, torna-se necessário que trabalhem com perseverança, não esquecendo que a nataçao é das modalidades mais trabalhadas, das que exigem preparação mais intensa.

Na categoria de juniores, uma figura surge em primeiro plano: Belmiro Santos. Conquistou quatro títulos em provas individuais e colaborou admiravelmente na esteleta de 4x200 metros-livres.

Trata-se de um nadador sem grandes condições físicas, mas muito bem preparado. Com o «crawl» perfeitamente mecanizado, teve a sua melhor prova nos 1.500 metros-livres, onde foi, de longe, o melhor em estilo. Fez igualmente prova meritória nos 400 metros.

Quanto a tempos, merece registar especial o novo «record» da estafeta de 4x200 metros-livres, que a turma do Estoril Praia (Parracho, Cisneiros, Azevedo Jdilo e Belmiro) fixou em 11 m. 16,4 s.

Artur Mendes Silva campeão de brasos

Quando há um ano afirmámos que o jovem Artur Mendes Silva viria a ser um campeão de brasos, houve quem estranhasse a afirmação, por ousada... Não admira, porque entre nós os técnicos sobram, felizmente...

Afinal, não foi preciso esperar muito para que Mendes Silva realizasse o nosso «ousado» patcinio. Nadando com «soaplesse» notável, bateu Silva Marques e seu irmão Jdilo, obtendo um tempo de valor — 3 m. 4,9 s. Mendes Silva conquistou ainda outro título, o dos 100 metros-costas, talvez a prova para que tem mais qualidades.

Baptista Pereira foi o campeão dos 200. 400 e 1.500 metros-livres. Correu no seu «jeito» habitual — em energia e vontade.

Mira Gomes foi o vencedor dos 100 metros, corrida em que se distinguiu, também, O. Cabral.

Não pelo tempo obtido, mas pela prova realizada, é de inteira justiça salientar a proeza da equipa do Algés, vencedora da estafeta de 4x200 metros-livres seniores. Bessone Basto, Francisco Alves, José Manuel Correia e Oscar Cabral deram realmente o melhor do seu esforço, empregaram-se a fundo, e, mercê de certas circunstâncias de que não têm culpa, mas das quais tiraram partido, obtiveram uma bonita vitória. Bonita — e justa.

Com vista ao Portugal-Espanha

Os tempos obtidos pelos elementos que são chamados, possivelmente, a representar Portugal, não são de maneira nenhuma animadores. O problema está neste pé: ans, os jovens que melhoraram os cinco «records» a que nos referimos, estão, como é natural, ainda longe de dar o máximo das suas possibilidades; os outros, os seniores, não conseguiram resultados que nos permitam encorar com optimismo o nosso encontro com os espanhóis. Resta-nos Mário Simas, que, por motivos de saúde, não pôde comparecer nos campeonatos e quem, segundo informações colhidas, se encontrava em boa forma. E se não puder ir a Espanha? A verificar-se esta hipótese, a representação portuguesa estaria seriamente comprometida.

«HOCKEY» EM PATINS

O Paço de Arcos e o Hockey de Sintra

ganharam os primeiros desafios do Campeonato de Portugal

COMEÇOU há dias a disputar-se o campeonato de Portugal de «hockey» em patins, que este ano, por motivos que não vêm para o caso, não tem a participação dos clubes portuenses.

Estão, portanto, interessadas na prova as equipas do Futebol Benfica, Paço de Arcos, Hockey de Sintra e Sport Lisboa e Benfica, ou sejam os grupos que no último campeonato regional deram melhor conta de si.

Uma «poule», em duas voltas, decidirá o vencedor da prova, cujos programas são valorizados pelos encontros das «reservas» dos mesmos clubes, com resultados a contar para um torneio.

O desafio que servia para começo da competição, colocou frente a frente duas equipas que mantêm, justificadoamente, acera rivalidade: o Paço de Arcos e o Futebol Benfica, este aoreolado com o seu título de campeão de Lisboa.

Os benfiquenses, jogando em casa, foram vencidos por 2-1, tendo como atenuante a falta do seu avançado Carlos Alberto e a falta de Olivério, na primeira parte. Via-se, de começo, que ambas as equipas estavam em-

penhadas em alcançar a vitória, a avaliar pela velocidade imprimida ao jogo. Nos primeiros 20 minutos, a característica da luta foi o embate entre os avançados do Paço de Arcos e a defesa do F. Benfica, em que os primeiros levaram vantagem, marcando um «goal». Foi esse tento que lhes ditou a vitória, pois na segunda parte cada grupo obteve um ponto.

O segundo encontro foi disputado pelas equipas do Hockey de Sintra e do S. L. Benfica, vencendo os sintrenses por 3-2. Marcaram-se, como se vê, sete «goals», circunstância que servia para animar a partida e empregar-lhe emoção. Os vencidos mereceram mais elogios do que os vencedores: além de terem alinhado desfalecidos, por ausência de Sanches e Rainho, conseguiram desfrutar de vantagem durante mais de metade do encontro.

A vitória dos sintrenses tem, pois, de considerar-se lisonjeira... e preciosa...

Em reservas, o Paço de Arcos venceu o F. Benfica, por 4-2, e o Benfica bateu o Hockey de Sintra, por 5-4.

CICLISMO
O duo LOURENÇO-INACIO

ganhou a "americana", durante o qual E. Lopes fez figura brilhante

De uma pequena falta técnica cometida pela equipa principal do G. D. «Iluminante» — Jorge Pereira estrejou o testemunho tardamente, e em má posição, a Eduardo Lopes, numa altura em que o duro marroquino atacava a fundo — nasceu a fase mais movimentada da corrida de «uma hora à americana» disputada no domingo no Estádio do Lumiar.

De outra falha idêntica, momentos antes de ser iniciada a primeira embalagem, surtiu o mais espectacular «sprint» dos últimos tempos e que teve como protagonistas Lourenço e Lopes. Saiu vencedor, com mérito absoluto, o rápido corredor «iluminante».

Só por si, estes dois momentos chegaram para valorizar a prova de independentes, ganha pela equipa eleonina» Lourenço-Inácio, com escassa diferença de um ponto sobre o duo Lopes-Jorge Pereira. Mas a corrida teve outras fases também de elevado mérito.

Foram incomparáveis de beleza todas as embalagens — quatro — em que lutaram lado a lado Lourenço e Lopes, e nas quais venceu sempre o pupilo de Alfredo Luís Piedade. Quer a «remontar» o sportinguista na recta final; quer a atacar aos 300 metros, aguentando depois, sempre de frente, o retorno de Lourenço, quer ainda, como sucedeu na primeira embalagem, a recuperar, numa volta apenas, um atraso de 80 metros, para vir a ganhar pela vantagem de uma roda, Eduardo Lopes foi sempre transcendente de brío, rapidez, poder.

Teve igualmente mérito a perseguição feita por Jacinto-Rocha a Dias-Djillali, quando estes, aproveitando o atraso de Lopes, pretenderam alcançar uma volta de vantagem, e foi também sem dúvida valiosa a marcha imposta pelo duo Inácio-Lourenço com o intento de dificultar a recolagem da equipa Lopes-Pereira.

E como todos os grupos que completaram a prova percorreram 97 voltas — apenas menos uma que o máximo deste ano — pode concluir-se que, desportivamente, a corrida teve valor.

A concluir o programa disputaram-se ainda um «critério» de 30 voltas, ganho justamente por Djillali, mas teve em Manuel Rocha strevido adversário, vencido apenas por um ponto; uma «americana» de 30 minutos, para amadores e iniciados, na qual Espadilha e José Jacinto venceram com certo à-vontade, seguidos de João Nunes-Amândio Monteiro; e uma prova de iniciados, bem ganha por José Miguel.

Helder Cunha, numa corrida extra programa de 5 voltas, em que deu a Joaquim Dias e A. Madeira uma vantagem de 200 metros, impôs superioridade, e sua filha Dalis Cunha foi gentil vencedora da luta que travou com Mariana Fernandes.

Houve ordem e método na seqüência das provas, a contrastar com o último festival, mas notou-se certa dificuldade, por parte de corredores e árbitros, na interpretação fiel dos regulamentos, sobretudo no que diz respeito às «americanas». É assunto que merece ser tratado com uma amplitude que o espaço não permite hoje, mas ao qual voltaremos no próximo número.

NO FESTIVAL DO LUMIAR



A perseguição a Lopes por Inácio e Dias, na «americana»



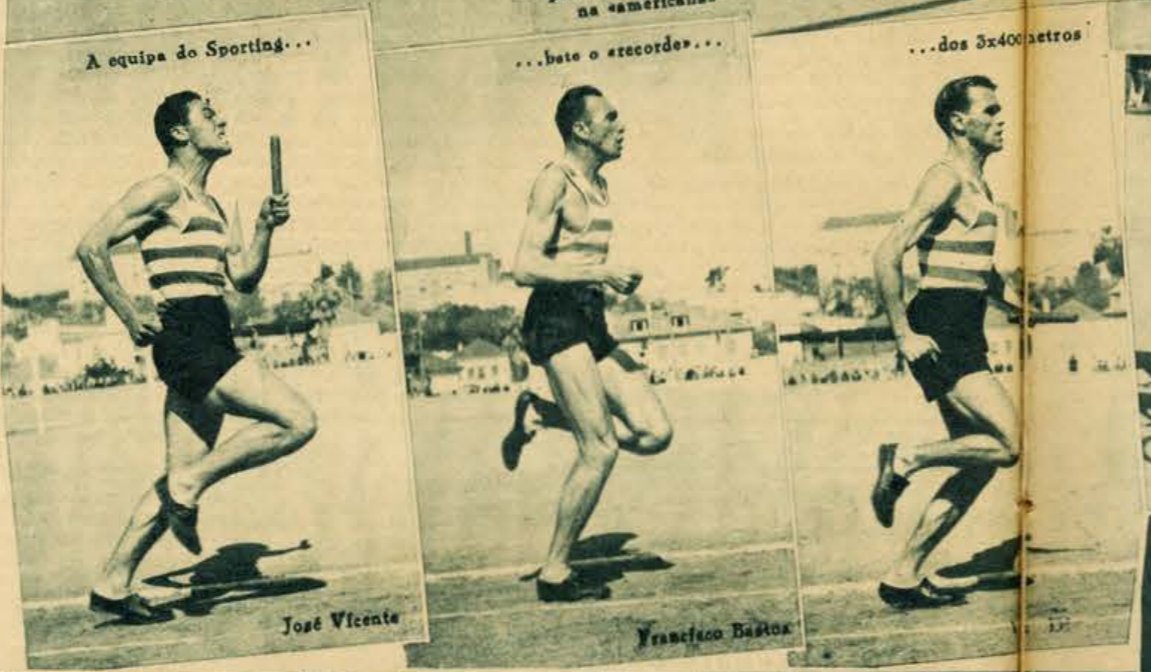
Dalis Cunha e Mariana Fernandes «rolam» na pista

ACTIVIDADE DESPORTIVA NO DOMINGO

ATLETISMO * CICLISMO
HIPISMO * NATACÃO



À esquerda: Humberto Alves, que venceu a prova de 35 metros livres, iniciados, no festival de Alagoas e Delúndio. Em baixo: gentil triolo de jovens nadadores que participaram no mesmo festival



A equipa do Sporting...

...bate o recorde...

...dos 3x400 metros

José Vicente

Francisco Bastos



Fase da «americana». Lourenço vai ultrapassar Jorge Pereira e Djillali



TORNEIOS DE ATLETISMO — No último domingo além das provas disputadas na pista do Lumiar, Benfica, Belenenses e Atlético, este último com o concurso de outros clubes, organizaram torneios de atletismo. As gravuras mostram: 1.—Os concorrentes ao torneio de Atlético; 2.—Os sócios do Belenenses que se exibiram nas Salésias; 3.—O numeroso grupo de sócios e simpatizantes do Benfica que correram no Campo Grande

CONCURSO HIPICO DE OEIRAS — Em baixo, à esquerda: o capitão Correia Barrento, no «Raso», com o qual se classificou em 2.º lugar no «Grande Prémio». À direita: o alferes Barros e Cunha, no «Jocoso», vencedor da «Copa de Caça» disputada naquele animado concurso



E. Lourenço vence F. Ferrelto nos 100 metros



HANDBALL

Uma questão de higiene:

Balneários

QUEM frequenta as instalações dos clubes, nomeadamente os balneários, tem verificado, com acentuado desgosto, a indiferença das entidades dirigentes por essas instalações. Regra geral, não há asseio, ou, quando muito, nota-se asseio... equivocado... Alguns balneários constituem mesmo verdadeiro perigo para a saúde, não nos cumprindo denunciar — que estão patentes à vista e ao olfacto de todos — esses campos que atingem o máximo de promiscuidade, desoladoramente infectos, assustadoramente perigosos.

Mas, entre todos, há um contraste agradabilíssimo: as modernas instalações do Vilanovense.

Melhor seria que os «selões nobres» da maioria dos clubes ostentassem menos pendões, menos troféus decorativos — e que os seus balneários, a verdadeira «sala de visitas» dos atletas, tivessem os indispensáveis requisitos.

Por vezes, temos assistido à impossibilidade de efectuar jogos em certos campos por alguns grupos, com respeitável razão, recusarem equipar-se em compartimentos impróprios.

Infelizmente, os dirigentes pouco — ou nada — se preocupam com esses pormenores.

O praticante de «handball», por exemplo, não é profissional de desportos nem deve sujeitar-se ao que lhe exige um regulamento clubista. É o atleta que veste uma camisola na defesa de um ideal desportivo.

Apreço-se e obriga-se o jogador a ter pureza nas intenções, símbolo da personificação do Desporto; mas é necessário que as direcções dos clubes dediquem a sua atenção não só à facção espectacular mas também à parte íntima, que representa decência — mais, higiene — no equipamento.

A propósito de equipamentos. Através de longos anos de experiência temos verificado algumas anomalias que é aconselhável corrigir.

Uma: a exatidão dos resultados técnicos; outra, as expulsões de jogadores dos campos.

O facto verifica-se principalmente quando um jogador termina com um número de bolas demasiado volumoso. O turbilhão de bolas prejudica a atenção do árbitro e não raras vezes temos notado incerteza dos juizes de campo, no fim das partidas, ao anotarem o número de tentos.

Isto já tem dado motivo a desagradáveis críticas do público, mas pode evitar-se facilmente, como aliás temos aconselhado.

Para o «handball», que, pela sua natureza (acção das mãos dos jogadores), é desporto susceptível a conflitos e larga marcação de bolas, é prudente os árbitros fazerem-se acompanhar de lápis e papel para anotações.

No nosso público, que tudo ridiculariza, o recurso seria pretexto

MOSAICOS nortenhos...

♦ O ACADÉMICO, clube de tradições no atletismo nacional, não compareceu em campeonatos do Lumiar. Não aprovamos a atitude. Se o atleta Sampaio Peixoto, por isto ou por aquilo, não podia comparecer, não aconteceria o mesmo com os restantes: Cadele, Alberto Cunha, Hercuano Mendes, Tomegão...

Assim, ficou por certo uma dúvida no espírito dos desportistas que foram ao Lumiar. Um simples telegrama não chegaria por certo para dissipar.

♦ O VIGOROSA mandou um atleta (Montalvão) e este ganhou um título nacional. E o F. C. do Pôrto fez o que pôde. Compareceu, desportivamente, com 8 homens, e o público de Lisboa, segundo se sabe, compreendeu admiravelmente a sua acção.

Os atletas azues e brancos classificaram-se bem, merecendo especial realce o seu saltador Elói Costa Pereira, que não ficou atrás do Campeão (Malos Fernandes). É pena que Elói se não dedique a sério. Se o quisesse fazer, segundo nos diz o seu treinador Arnaldo Borges — e coisa seria feita...

♦ A CONSTITUIÇÃO volta a ter grandes jogos? Assim se diz. O F. C. do Pôrto não larga os antigos amores, mas a solução desagrada em certos meios. De facto...

Que o popular clube nortenho não pode viver em regime de favor — é certo. Mas — voltar ao velho terreno, onde já não cabem os seus atletas, não pode deixar de comentar-se. Ao cabo de 39 anos de vida intensa, digna, — parece muito fraca esta compensação...

Perdeu-se a série de ajudas que levaram o clube a pensar com optimismo?

♦ SZABO, o treinador que o Pôrto utilizou há anos e agora escolheu de novo, vai fixar-se definitivamente na capital do Norte. Regressará breve de Lisboa, com lóda e sua família. Com ele virá seu filho, também Szabo, que alinhava a guarda-rédes no team reserva do Sporting.

É natural. O rapaz, ainda jovem, é estudante do 6.º ano dos liceus e vai entrar para a Escola Académica, desta cidade. Será, naturalmente, um futuro azul e branco.

Aqui existe uma transferência «limpa», sem apêlo nem agravo...

♦ O BOAVISTA defende-se. Parte dos seus jogadores, aqueles que mais se enunciam em grupos estrangeiros, já assinaram a ficha Negaram-se aos enganadores. Oxalá o simpático clube do Besso consiga impor-se, que bem o merece.

Ao menos para ver se no Pôrto aparece um segundo que faça reparar na «fôrça» do nosso futebol!

para causticante apreciação — mas as vantagens de semelhante iniciativa seriam compensadoras.

O alvitre fica — para os interessados.

LUÍS MARCOLINO

O PÔRTO

é contra as transferências não justificadas

ESTAMOS de acôrdo! Pois claro que sim! Um artigo no jornal «Mundo Desportivo» contrariava a liberdade nas transferências. E todos os portugueses estão de alma e coração com a doutrina defendida pelo seu autor. O futebol português, nos últimos anos, esteve em sério perigo. Ao F. C. do Pôrto, que é, sem dúvida, o mais acérrimo defensor do desporto nortenho, foram tirados muitos jogadores — desde Francisco Ferreira a António Nunes, e durante algum tempo foi preciso trabalhar muito, trabalhar bastante, para vencer a crise. Durante esse período, apenas soube dizer-se que o F. C. P. fazia falta ao desporto, à bola, aos próprios lisboetas... Mas a «caça» continuava.

O popular clube nortenho foi buscar jogadores novos, muitos sem categoria. Alguns já possuem classe «internacional», mas só agora reparam nêles. Um (Barrigana), foi oferecido por não ter lugar na sua antiga colectividade — e já o desejam Catolino, só após um ano na equipa dos azues e brancos se mostrou em pleno de evidência. E Araújo, Lourenço, Camilo, Alfredo — muitos mais — foram devidamente preparados dentro das suas fileiras.

Logo, os portugueses apenas desejam que se não perturbe o seu trabalho. Bem se sabe que alguns rapazes do seu principal team de honra não principiaram no clube. Mas — quem os conhecia antes disso? Foram ou não preparados lá dentro? Façam o mesmo as principais colectividades.

E falando do F. C. do Pôrto, não queremos esquecer o Boavista, o Leixões, o Leça e outros. Queixam-se de que no Pôrto não há um segundo clube, e isso não é novidade para qualquer. E porquê? Porque não os deixam trabalhar. Não faltam emissários a pagar bem, a oferecer o Céu e a Terra...

Concordamos, sim senhor, com a lei que proíbe as transferências. Pelo menos certas transferências. Se ao jogador se oferece uma situação que o faça progredir tecnicamente — isso sim. Se por incompatibilidade provada tiver de retirar — também se justifica. Mas ir buscar um homem feito, à custa de muito dinheiro — isso não!

A cidade do Pôrto ainda hoje não perdou a quantos fizeram tudo para desfazer os quadros dos seus melhores grupos. Criar elementos como Araújo, Alfredo, Romão, Nuno, Camilo, Catolino, Sanfins, Lourenço, Barrigana e Andrade (caso do F. C. P.) é trabalhar. Como aconteceu no Barcelense e em Olhão. Afirmar que principiam aqui ou ali, não basta. Aqui ou ali — nada vallem para o futebol...

O caso, por isso, é diferente!

Rádio-desporto

O nosso camarada Mário Afonso terminou há dias, até novo período radiofónico, o seu programa de Rádio-Desporto, emitido pelo microfone do emissor português «Orsec».

Foram oito palestras a versar diversos aspectos do problema desportivo cidadão, com referências às modalidades mais em evidência, sob os aspectos técnico e de propaganda de cada uma.

Sallientou aquêlle nosso camarada, na sua palestra de encerramento, o facto de não haver — pelo menos nas emissoras de rádio nor-

tenhas — programas idênticos em emissões similares.

De facto, o vulgar relato e comentário semanal, feito ao domingo, a correr, quasi sem preensões, acôrde do movimento desportivo do dia, pouco pode interessar ao rádio-ouvinte, visto que o tem desenvolvido através do Emissor Regional do Norte e da própria Emissora Nacional.

O que o desporto precisa, e não pode dispensar, é de quem faça dele propaganda acertada, convincente, tocando os problemas mais urgentes, doutrinando, difundindo

A PATINAGEM NO PORTO



Grupo de concorrentes aos campeonatos regionais de patinagem

Vamos ter natação?

Tardamente, é certo, (mais vale tarde do que nunca...) a natação porluense parece tentar encaminhar-se para o ressurgimento. Indubitavelmente que nesta altura da época pouco poderá fazer-se, mas se o tempo que resta — quasi dois meses — for bem aproveitado, talvez vejamos ainda alguma coisa que nos dê a segurança de outros dias mais proveitosos para causa de uma modalidade que estava em declínio.

De facto, desde o ano passado que, em boa verdade, nada se linha feito oficialmente para provar que a natação não linha adormecido nesta cidade, sobre os louros de épocas mais gloriosas. Sofrendo de dois males enormes — falta de dirigentes e falta de piscinas — a modalidade estava condenada a desaparecer por largo espaço de tempo.

Veremos se esta nova seiva que lhe insuflaram será a necessária para que remoece e nos dê alguns momentos de alegria — pelo menos aquela alegria que pode sentir-se com a certeza de que a natação não esmoreceu.

O campo da Constituição

Confessamos lealmente que não pudemos ainda ver as grandes obras que se estão efectuando no velho campo de Constituição, de forma a dar-lhe largas possibilidades para a época que está a surgir, daqui a pouco.

No entanto garantem-nos que vão por bom caminho e que as instalações de Constituição aparecerão arranjadas de novo, dispostas a receber, de cara satisfeita, os inúmeros simpatisantes do valoroso clube azul-branco...

Se o caso é para se assinalar — porque, certamente, outras modificações darão mais conforto às assistências — o certo é que isto não resolve o problema máximo do F. C. do Porto — que é o do seu verdadeiro parque de jogos.

preceitos, explicando leis e regulamentos.

É uma campanha que pode obter bons resultados se for bem feita. Certamente que não há, da parte do nosso camarada, a pretensão de ser mago num campo de actividades em que tanto se pode fazer de bom e de útil. Mas se houvesse quem enveredasse pelo mesmo caminho com certeza a prática dos desportos poderia receber impulso grandioso, mercê da radiodifusão dos bons princípios.

Não pôde o programa estabelecido ser traduzido tal qual era o pensamento inicial do nosso camarada Mário Afonso. Razões de vária ordem o impediram.

Entretanto, a sementeira fez-se e ficou entregue às boas intenções de quem ouviu essas palestras.

Cabe aqui — tanto mais que *Stadium* foi lida por diversas vezes nessas emissões desportivas — louvar a acção do emissor «Orsec» pela compreensão que teve do momento, criando uma secção especial para que se pudesse fazer a propagação do desporto, das suas modalidades, num período semanal de 10 minutos — o suficiente para que se dissessem algumas coisas, sem provocar o aborrecimento de ninguém — mesmo daqueles que do desporto só conhecem o nome...

Stadium na província

AS NECESSIDADES DA PROVÍNCIA

SABE-SE que são auxiliados os clubes de Lisboa, do Porto, de Coimbra — de vários centros de nomeada. Justissimo. Os grandes clubes também necessitam de ajuda. Mas — e os pequenos? Raro é o dia em que não nos chega um pedido e uma reclamação, assinados por pequenos organismos da provincia. Mal dêles. A sua influência não é grande. Vivem fora do «grande centro», da capital — e isto tem extraordinária importância...

Merecem ou não que se pense no seu esforço? Claro que sim. Uma pequena ajuda pode servir admiravelmente as suas pretensões modestas — quasi sempre uma equipa nova, uns calções, um parzilo de botas para o atleta mais necessitado...

A Federação, onde o dr. Vergílio Paula, por exemplo, procura atender reclamações, tem considerado os mais variados casos. Mas ainda é pouco. Muito pouco. Os clubes da provincia precisam de viver, de prosperar, e só o poderão fazer com o auxilio de quem possa valer-lhes.

Ainda há dias chegou ao nosso conhecimento que no distrito de Viseu foi atendido um pedido do Lisboa e Viseu e do Académico. Certo. Mas, no mesmo distrito, não foi o Desportivo de Tondela, antigo campeão da Beira Alta, tratado da mesma maneira.

Nestas coisas, como em todas, é preciso ser humano. E não custa nada, afinal. Basta que as necessidades sejam compreendidas, estudadas com imparcialidade e espirito de justiça.

Todos assim o desejam. A bem do desporto — da provincia e das suas necessidades — que são muitas, com certeza.

O distrito de Aveiro

mereceu ser compensado pelo seu esforço

ESPINHO, como Aveiro, como Oliveira de Azemeis, S. João da Madeira ou Ovar, bate-se orgulhosamente pela expansão do desporto. Estamos em presença de um distrito que trabalha, que insiste, que não pratica apenas o futebol.

Todos sabem que Espinho possui uma das melhores piscinas do país — o Solário Atlântico. Na linda vila, debruçada à beira da linha Porto-Lisboa, pratica-se em larga escala a ginástica, o *volley*, a patinagem, o «basket», a natação... Nos restantes concelhos — o «basket», especialmente. E em Aveiro, o remo costuma ser forte, visto que já nos forneceu campeões nacionais.

Em tempos idos, era o futebol o desporto predilecto. O distrito de Aveiro conseguiu impor algum dos melhores praticantes, e ainda nos lembra que Tavares Bastos, Velez Carneiro, João Nunes, João de Brito, Alberto Valente, Naga-

ninho, Flávio e muitos mais, de boa nomeada, vestiram a camisola do Sporting de Espinho. Mais tarde, o popular clube procurou seguir as pisadas das grandes colectividades, e tem conseguido isso briosamente.

Este ano, o Sporting de Espinho foi finalista do campeonato nacional de Juniores, o que nos indica que tem os olhos postos no seu ressurgimento. Por outro lado, o Oliveirense chegou até onde não conseguiram muitos clubes de nomeada. Em S. João da Madeira e Ovar — também os grupos locais puderam dar boa conta de si.

O que pensar, portanto? — Que o distrito de Aveiro é, sem dúvida, um dos mais esforçados. Merece ser incluído entre os que bem trabalham pelo desporto. Poucos campeonatos serão disputados com mais energia, como se prova ano a ano. Os desportistas do distrito vibram constantemente, de tal modo oscila a tabela de classificações.

Agradou-nos, portanto, que lhe fosse prestada justiça. As instalações desportivas dos clubes de Aveiro, não sendo exemplares, não são inferiores. Na capital do distrito, mesmo, existe o «Estádio Mário Duarte», que já foi visitado por algumas das melhores equipas do país — e se de qualquer arranjo necessitar, não será por certo coisa fora das possibilidades do clube proprietário.

Que os principais clubes de Aveiro mereçam a honra, não oferece dúvidas. Seja o Espinho, o Oliveirense, o Sanjoanense, o União de Lamas ou outro. Não nos interessa o caso. Importa apenas que se olhe para a sua importância e nada mais. No conjunto. Para nós — o motivo mais forte é este. O resto — não conta.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martirio!

Poly bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode beardar-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pina, rua do Guarda-Mór 20, 5.º esq. (a Santos), Lisboa.

Enviemos amostras contra 4850 em selos do correio, nome e morada.

“FLECHA”

é a melhor bicicleta

Notas e novidades

que interessam à provincia

BRAGA — O Clube de Caçadores de Braga tem-se esforcado e, graças ao sr. dr. Teotónio dos Santos, seu activo presidente, muito tem progredido. São frequentes os torneios de tiro aos pombos e outras provas desportivas nas instalações do clube.

Alguns dos melhores atiradores do país passaram já pelo C. C. de Braga, que tem sabido honrar as suas tradições. A capital do Minho tem lucrado muitíssimo com as iniciativas do simpático agrupamento.

VISEU — António Neves, antigo jogador do Marvilense, vai abandonar esta cidade, onde residia há cerca de um ano, como treinador e jogador do Académico. Diz-se que ingressará no Sporting C. P., de Lisboa.

TONDELA — Há desalento entre os desportistas desta vila. A Federação Portuguesa de Futebol indeferiu o seu pedido de auxilio — quando tal não aconteceu ao Académico e ao Lisboa e Viseu, da capital do distrito, clubes com melhores possibilidades.

O Desportivo de Tondela bem merecia que os altos poderes do futebol se interessassem por ele.

CASTELO BRANCO — A taça «Visconde de Tinalhas» foi disputada por grande número de atiradores. Ganhou-a o albacastrense A. Silva e Sousa, com 16-16. Raul Fazendeiro conquistou o campeonato regional de Castelo Branco.

FAMALICÃO — O Centro Escolar n.º 1 da Ala n.º 5 da Mocidade Portuguesa vai receber o 1.º grupo de *volley* do F. C. do Porto, campeão do Norte. É mais uma demonstração de que esta vila pretende impor-se.

OLIVEIRA DE AZEMEIS — Nos «courts» do União deve disputar-se um torneio de «lawn-tennis», estando assegurada a inscrição do Clube da Foz, Académico, Vilanovense, Vigorosa, Tiro e Sport, de Coimbra, Beira Mar, de Aveiro, e Alba, de Albergaria-a-Velha. Só podem concorrer jogadores de 3.ª categoria.

FARO — Conceição Rodrigues, que veio de Coimbra para o Benfica e daqui para o S. C. Farense, regressou à cidade do Mondego. Segundo parece, deve alinhar pelo União, na próxima época.

OLHÃO — Cabrita, que se anunciou em vários *teams* de Lisboa, continuará no Algarve. A sua decisão agradou muitíssimo aos olhanenses, onde é estimado. O S. C. Olhanense conta ainda alinhar na próxima época com João da Palma, que pertenceu ao G. D. da «Cuf», do Barreiro.

GUIMARÆS — O treinador Peics, que pertenceu ao Belenenses, já se encontra nesta cidade, a fim de substituir Alberto Augusto. O *team* vimaranense passará por diversas modificações, aguardando-se que Franklin faça definitivamente parte do grupo campeão do Minho.

**CAMPEONATOS
NACIONAIS
DE REMO**
na Figueira da Foz



1 — Os remadores do «Galitos de Aveiro», campeões nacionais, que formam as tripulações de shell de 4 e de 8; 2 — Os representantes do G. D. da Cuf do Barreiro, vencedores do campeonato de «Yolle» de 8, Juniores; 3 — A Associação Naval 1.º de Maio, que conquistou a taça do «Casino Peninsular»; 4 — Aspecto do Mondego durante as regatas; 5 — Os remadores do S. C. Caminhens, campeões nacionais; 6 — O júri em plena actividade; 7 — Vista aérea do belo estuário do Mondego, onde se disputaram os campeonatos.



EM CIMA: A equipa de honra do Grupo Desportivo de Canas de Sabugosa, colectividade muito activa e que possui um bom parque de jogos. Além do futebol, em que tem vencido os melhores grupos do concelho de Tondela, dedica-se também à prática de outros desportos, entre os quais o ciclismo, modalidade na qual o representaram os corredores Ernesto Martins e Albertino Pereira, que se revelaram bons estradistas, tendo obtido classificações interessantes no «Prémio Olympique», Pôrto-Lisboa e «Flores de Portugal». A sua sede dispõe de boas instalações, mantendo um pósto médico para assistência aos associados e praticantes, sob a direcção do dr. Serra de Matos. Entre os dirigentes salientam-se o eng. António de Lacerda, presidente da assembleia, e João Antunes Lopes e Joaquim Correia, da direcção. Carlos Dlogo, antigo elemento do Chelas, é o orientador técnico da secção de futebol.



EM CIMA: O «team» de júniores do União Futebol Sesimbra, que conquistou o título de campeão local, na categoria, sem sofrer uma só derrota, e cujos componentes representam uma garantia para o futuro progressivo do futebol em Sesimbra. EM BAIXO, A ESQUERDA: O grupo da Casa do Povo Futebol Clube, de Freixo de Numão, fundado recentemente



EM CIMA: A equipa do Clube Sportivo Mindelense, campeão da cidade do Mindelo (S. Vicente de Cabo Verde). Esta colectividade foi fundada em 1920 e, após diversas vitórias alternadas no campeonato local, acabou por se apoderar do respectivo título, que mantém há dez anos consecutivos. Esta época foi o grande vencedor de todas as competições locais, tendo por acérrimo adversário o Sporting. Começou por ganhar a «Taça Preparação», venceu o campeonato e conquistou a «Taça Leões», em cuja final venceu o Sporting por 4-1. O clube tem a orientação José Figueira (x), antigo jogador do Sport Lisboa e Benfica e fundador do White Star, hoje Clube Atlético de Campo de Ourique. O Sportivo Mindelense, que tem vencido também diversas equipas de navios Ingêleses, tem um sonho: vir à metropole medir forças com os grupos da capital, o que espera realizar.



O Sporting Clube Goleganense, que teve na última época actividade deveras meritória, obtendo diversas vitórias sobre equipas da sua região. O clube conta entre os seus dirigentes com a figura de Joaquim Albuquerque, que não se tem poupado a todos os esforços para o seu engrandecimento.

OS GRANDES TORNEIOS DE ESGRIMA

(Continuação da página 4)

Silveira e Agostoni, com Vasco do Couto, Veiga Ventura, Edmundo Franco, Fernando Pereira, Melo e Castro, Pinheiro Chagas, José Pablo e Lamy de Almeida.

A final constituiu uma jornada excelente de propaganda para a esgrima, com avultada assistência, que se instalou em todos os pontos de boa visibilidade do jardim do Automóvel Clube.

Como é lamentável que não tenha sido possível efectuar entre nós, na última dezena de anos, qualquer competição internacional! A avaliar pelo interesse despertado por este torneio, só pelo facto de nele entrar um dos melhores elementos da esgrima italiana, podemos avaliar quanto de benéfico teria para o desporto das armas entre nós, sob todos os pontos de vista, a organização de alguns «matchs» internacionais em Lisboa...

Embora o melhor da «poule» final se tivesse jogado no dia previsto, por fim em condições de luz péssimas, o verdadeiro desfecho só se verificou na tarde seguinte. É que Henrique da Silveira tinha, como Vasco do Couto, uma só derrota, mas faltava-lhe jogar com Pinheiro Chagas. Verificada a impossibilidade de efectuar o assalto, marcou-se para o dia seguinte. Se Silveira vencesse, ficaria em «barrage» com V. Couto — e o vencedor sairia do assalto suplementar.

Mas Silveira entrou na prancha nervoso, sob este aspecto verdadeira sombra do atirador que na véspera vencera Agostoni. Depois do resultado estar em 2-2, Pinheiro Chagas atingiu o adversário — cuja derrota colocou imediatamente Vasco do Couto no 1.º lugar da classificação geral. E com este encontro, de desfecho espectacular, acabou o torneio.

Independentemente do significado da vitória, Vasco do Couto deve ter sentido justificada satisfação ao conquistar a taça «Mestre António Martins» — seu saudoso professor, com o qual se iniciou no difícil jogo das armas.

Colocamos este excelente resultado do magnífico atirador do Hockey Clube ainda em plano superior ao da sua vitória, há anos, no campeonato nacional de espada. Já demos uma ideia resumida das suas exhibições na eliminatória e meia-final que lhe coube disputar, nas quais deu a sensação de se «aclimatar» progressivamente ao desenrolar do torneio. Na final, esteve seguro nos primeiros assaltos, diminuiu-se ligeiramente depois, mas retomou logo o ritmo pôsto nos combates anteriores e venceu com brilho o forte Agostoni, num «match» que concluiu com um precioso golpe de tempo à perna. No encontro sustentado com Silveira, que lhe ocasionou a única derrota sofrida na «poule» final, não desenvolveu a combatividade que costuma pôr quando defronta tão forte adversário. Em Vasco do Couto, atirador dotado de qualidades pouco

vulgares, este pormenor da combatividade, pelo modo irregular com que o cultivava, é de suma importância. Não sendo precisamente um «poulista», a cadência lenta a que se remete a espaços ocasiona-lhe resultados que estão longe de corresponder à classe definida que possui.

Henrique da Silveira deixou de inscrever o seu nome, pela primeira vez, no disputado troféu que é a taça «António Martins». Esteve impecável na eliminatória, teve momentos de precipitação na meia-final, mas conduziu os seus principais assaltos na final com superioridade e calma incontestáveis. Usando menos os ataques fulminantes em «flecha», compensa este facto com uma defensiva segura, da qual continua a lançar as velozes respostas de quarta — com as quais conclui também vitoriosamente os envoltimentos que executa. Na tarde da final, a derrota sofrida com Melo e Castro foi o produto da precipitação gerada pela infelicidade que registou, numa frase de armas concluída com uma resposta de sexta em cheio — que se perdeu por estar acidentalmente desligada a ficha do fio de corpo. Fêz um bom assalto com Vasco do Couto e obteve uma vitória nitida sobre Agostoni, num «match» que figura entre os mais ansiosamente aguardados nos nossos torneios.

Neste encontro, os dois adversários mostraram-se prudentes de início. Silveira começou a conquistar terreno, mas foi Agostoni quem lançou o primeiro ataque decidido, bem parado. Foi ainda Agostoni que se manteve na ofensiva até o momento de partir numa perigosa «flecha» — que Silveira parou calma e impecavelmente, para responder na mesma linha e atingir o peito do adversário. Depois de mudar de espada, por se lhe ter partido a lâmina num fustigamento, Silveira manteve-se em defensiva de segurança absoluta. Um fino toque à mão, por baixo, colocou o resultado em 2-0. Agostoni continua a não conseguir entrar com perigo na guarda de Silveira, que se conservou atento e seguro. Nova «flecha» de Agostoni, dirigida à máscara, e nova parada de quarta, seguida de resposta fulminante na mesma linha — deu a vitória ao campeão português por 3-0.

Carlos Agostoni começou a cultivar a esgrima aos 16 anos, em 1925, com o mestre Mangiarotti, em Milão, na Società Artisti e Patriottica. Em 1928 obteve o seu primeiro prémio internacional, no torneio de Dijon, classificando-se depois em 4.º lugar nas célebres competições de Nice. Foi um dos componentes da equipa nacional italiana que conquistou a bela vitória olímpica de Amsterdão e de 1930 a 1932 foi campeão universitário do Mundo e campeão de Itália. Em 1932 ficou em 2.º lugar na prova individual de espada das Olimpíadas de Los Angeles, às quais a esgrima portuguesa faltou. No ano seguinte, 1933, conquistou o título de campeão da Europa e de 1941 a 1942 voltou a

ser campeão nacional italiano. Em 1930, 1934 e 1937 havia feito parte da equipa italiana que venceu as competições de espada dos campeonatos do Mundo. É especialista em torneios disputados a 10 toques efectivos, tendo triunfado em 19 destas provas no seu país. Reside no Pôrto, desde 1942, encontrando-se inscrito na sala de armas do Sport Clube.

É um forte atirador, da clássica escola italiana, combativo, muito rápido, de grande oportunidade nos ataques e com excelente noção da distância. Para e responde veloz em quarta e sexta, tem sempre o «sarreté» pronto, de ponta precisa e colocada, e executa fulgurantes estocadas directas, em golpes ligeiramente cavados, ao longo do ferro adversário, de preferência na linha de quarta. Está perfeitamente equilibrado na guarda, embora pese levemente sobre a perna direita e incline um pouco o tronco para a frente, o que não o impede de sair rápido para o a-fundo e de voltar facilmente à guarda, sempre coberto.

O facto da sua vida profissional o ter levado a fixar residência no Pôrto, onde a esgrima é cultivada com muito carinho mas lutando com a falta de professores, ocasionou seguramente que o dr. Carlos Agostoni perdesse boa percentagem da sua eficiência. Sendo um atirador de verdadeira classe internacional, como aliás o demonstra o seu brilhante «palmarés», não se apresentou agora em Lisboa dispondo de todos os seus recursos. Mesmo assim, conduziu os assaltos com patente facilidade e pode dizer-se que só foi surpreendido uma vez, por Edmundo Franco, cuja inteligência e vivacidade foram premiadas com uma vitória indiscutível, que muito honra o brioso representante da Mocidade Portuguesa. A derrota de Agostoni frente a Vasco do Couto surgiu naturalmente — e mais naturalmente ainda com Silveira, como se deduz do que dissemos acima.

Pinheiro Chagas obteve um significativo 4.º lugar (5-4, 17 l. r.), devido em especial à sua vitória sobre Henrique da Silveira, no último assalto da prova. Tem progredido no seu característico jogo e tornou-se adversário difícil — que mais difícil poderá ainda ser. Agostoni, por exemplo, não se saiu facilmente do seu assalto com P. Chagas, batendo-o só quando passou a surpreendê-lo com as estocadas directas ao braço, no máximo de velocidade.

Melo e Castro, 5.º classificado pela diferença de um toque recebido, continuou a dar-nos a sensação de ter perdido um pouco a sua eficiência anterior, pela redução da combatividade que punha nos encontros. Mantendo as mesmas características de jogo, só àquêle pormenor podem atribuir-se certos fracassos que regista — já que as deficiências de ordem técnica podem considerar-se como parte integrante da sua esgrima.

Veiga Ventura, 6.º classificado (3-5, 19 l. r.), poderia — e merecia — ir mais além se mantivesse na final a magnífica inspiração com

a qual atirou no grau anterior da prova, como já referimos. Ressentindo-se ainda das más condições físicas em que se encontrava ultimamente, desenvolveu todavia melhor jogo, a sua ponta esteve mais incisiva e lançou-se com maior frequência ao ataque. No entanto, no seu «match» com H. Silveira voltou a ficar «agarrado» ao ferro do adversário em tôdas as acções defensivas que executou.

No 7.º lugar ficou Fernando Pereira, com o mesmo número de vitórias, mas registando 21 toques. Excepto no seu assalto com Melo e Castro, no qual desenvolveu a combatividade de aconselhar e que parece ter perdido, não esteve inspirado. Em todo o torneio só lhe notámos uma resposta digna de ser considerada como tal. Se resolver deixar de limitar a sua actividade no combate à «pesca» da mão ou do braço do adversário, conseguirá seguramente algo mais...

Edmundo Franco, que ficou no 8.º posto da classificação (3-6), comportou-se bem. Afigura-se-nos que o seu jogo não tem agora parte da beleza que o caracterizava, mas continua a ser um atirador de futuro muito promissor. Já sublinhámos o valor da vitória conseguida sobre Agostoni, de molde a considerar a sua acção no torneio ainda como deveras honrosa.

Lamy de Almeida ficou no penúltimo lugar (2-7). Apesar de possuir condições físicas de certo modo frágeis, este atirador pode ir mais além quando conseguir, por meio de uma mecanização pela qual deve esforçar-se, o aproveitamento do seu bom temperamento voluntarioso.

José Pablo, último classificado (1-8), ficou à quem do que vale. A sua exhibição na «poule» derradeira foi uma sombra da que produziu na eliminatória — e ainda muito inferior à da meia-final.

A prova foi quasi toda arbitrada pelo dr. Hercúlo Pimentel, que se houve com o seu comprovado saber. Certas apreciações ao seu trabalho, lidas e ouvidas, não têm a menor razão de ser. Dirigiu todos os combates com rigoroso equilíbrio — e meia dúzia de vozes de alto a destempo — em nossa opinião, evidentemente — não ofuscam uma acção em que teve de dar centenas delas!

A aparelhagem eléctrica funcionou quasi sempre de modo aceitável. O material dos atiradores é que continuou a ressentir-se do muito uso que tem.

CICLISMO

O programa de hoje na pista do Lumiar

Está marcado para hoje, na pista do Lumiar, um novo festival vel cicpédico, de cujo programa, além de uma corrida internacional «americana», conste o «match» Lisboa-Marrócos, a disputar nas seguintes provas: 1000 metros, perseguição por equipas e 500 metros com partidas lançado. A equipa de Lisboa é constituída por Lopes, Lourenço, Jorge Pereira e Rocha, e a de Marrócos formam-na Mahomed, Driss e Djillali. O festival principia às 22 horas.

«FLECHA»
A MELHOR BICICLETA!

ESTA festa anual que o Sport Algés e Dafundo de há muitos anos organiza, com toda a regularidade, para apresentação das suas escolas, tem de ser observada sob um prisma diferente daquele de que habitualmente nos servimos para os nossos comentários. É que no festival de domingo o aspecto competição, ou o pormenor dos «tempo», têm interesse puramente secundário. O que importa pôr em relevo é a forma criteriosa como se trabalha no Sport Algés e Dafundo.

As honras da tarde vão, sem favor, para D. Margarida Pala — uma carreira de professora de natação única em Portugal, — para Hermano Patrone e para os directores do Algés. Um clube que consegue apresentar cerca de uma centena de nadadores, até aos 15 anos, alguns dos quais nadando já correctamente, inclusivé o «mariposa», nada tem a recear do futuro, antes o pode considerar assegurado.

Indivualmente, a prova de maior interesse era a tentativa de «record» de João Franco do Vale. O esperançoso nadador, desviando-se com frequência para cima das pistas e bastante moroso na viragens, não foi feliz na tentativa. Ficou, assim, a três décimos de segundo do seu próprio mínimo, pois cobriu a distância em 1 m. 20,5 s.

Melhorados pacientemente os defeitos atrás indicados, o «tempo» baixará, naturalmente.

O festival de Paço de Arcos

Há várias épocas já que nos batemos pela realização de festivais de natação, no mar ou no rio, para fins de propagação. Dentro desse critério, a F. P. N. organizou, no domingo, provas em Paço de Arcos.

Oxalá elas tenham tido o condão de acorzar energias que andam adormecidas e a risonha praia volte, dentro em breve, a ter participação meritória nas competições da especialidade.

O desporto na Figueira da Foz

Stadium publicará no seu próximo número uma larga e completa reportagem sobre o desporto na Figueira da Foz, na qual, além de ser focado, especialmente, o movimento e a importância do remo figueirense, se publicarão opiniões de muito interesse de figuras em relevo na bela cidade acerca dos Campeonatos Nacionais de Remo e uma entrevista com o sr. António Biscainha, presidente da Comissão Municipal de Turismo.

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradávelíssimo — principalmente se se dispuser de um dos óptimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Cais de Santarém, 66 — telefones 24083 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género — uma das suas especialidades.

(Continuação da pág. 6)

equipas vencedoras das corridas de estafetas dos recentes concursos estão em condições de imediata homologação.

A mesma circular comunica outra importante decisão federativa: os campeonatos de estreantes desaparecem dos programas oficiais e a definição de principiante altera-se para: «principiantes são os atletas que até 1 de Janeiro de cada época não tenham completado ainda 24 anos de idade, nos dois primeiros anos de participação em provas, d-se que não obtenham um 1.º ou 2.º lugar individual ou batam um «record» individual da categoria ou superior».

As provas oficiais do programa de principiantes serão: 60, 250, 700, 2000, 5x60, 3x250 e 3x700 m.; 83 m. barreiras baixas; saltos em altura, comprimento e vara; lançamentos do peso (5 k.) e disco (1, 5 k.). Os máximos destas provas passarão a ser reconhecidos como «records» nacionais, servindo de base os máximos regionais já obtidos em estreantes.

OS TORNEIOS DE DOMINGO

A actividade de domingo passado foi particularmente interessante pela variedade e pelos propósitos que a animaram.

O Benfica, o Belenenses e o Mirante — este último novato em competições atléticas — promoveram torneios entre associados estreantes, preparando assim, com larga antecedência, as suas equipas para o ano próximo. É a fecunda lição do Sporting a gerar exemplo.

O Atlético, por seu turno, promoveu um torneio reservado também a atletas ainda não filiados e para o qual convidou os clubes inscritos na Associação e, como éla, em vias de organização das equipas.

Finalmente, no Estádio do Lumiar, os dois grandes proseguiram no seu empenho, incluindo algumas provas no programa do festival ciclista.

Pode-se, assim, alargar os parabéns a todas as colectividades lisboetas praticantes do atletismo.

O festival do Estádio proporcionou a quem se meteu no «record» da estafeta 3x400 metros, que a equipa do Sporting, correndo sem adversário, fixou em 2 m. 38,9 s. (Vicente, 54 s., Francisco Bastos 52 s., Artur Dias 52,9 s., notando-se que o terceiro corredor percorreu mais dez metros do que a medida). Estes números individuais mostram-nos que o terceiro «leão» pode ainda fazer melhor.

João Silva, acolitado sempre pelo seu camarada Afonso Marques, tentou o assalto ao «record» dos 2000 metros, mas ficou longe do tempo de Pires de Almeida, nem sequer atingindo o de Manuel Dias. Os dois rivais lutaram ombro a ombro, passaram nos 1.500 metros em 4 m. 27 s. e cortaram a meta, colados, em 9 m. 1,4 s. e 9 m. 1,5 s. respectivamente. Para as possibilidades actuais de ambos a distância é ainda curta. Porque não ensaiam a légua?

As outras duas provas perderam todo o interesse pela ausência dos principais competidores. No salto em altura, Sousa Dias voltou a transpor 1 m. 75 e Monteiro Baptista ficou no 1 m. 70, mas na terceira tentativa da altura superior derrubou depois de transposta a barra. É um saltador que progride e devia estudar com atenção, durante o inverno, os defeitos evidentes do seu estilo.

A prova dos 100 metros, que devia servir para apurar o companheiro de Nuncio, Paquete e Eleuterio na equipa nacional da estafeta 4x100 metros, resultou inexpressiva, porque faltaram os «mais prováveis»: Camões e Raposo. Em ambas as mãos, Fernando Lourenço bateu Fernando Ferreira, mas os seus 11,2 s. são pouco animadores.

Os resultados do torneio promovido pelo Atlético foram, como era de prever, fracos; no entanto, nele participaram, em conjunto, atletas filiados e não filiados, o que é contrário aos regulamentos federativos.

O Concurso de Oeiras

decorreu com animação e bastante interesse

O EIRAS teve este ano o seu concurso local, organizado pela Misericórdia, sob a direcção técnica do tenente D. José de Bragança, competição que reuniu a grande maioria dos cavaleiros que comparecem habitualmente nestes certames.

E pena que vão rareando os concorrentes civis. Se excluirmos Castro Pereira e Ivens Ferraz, ambos da Legião, apenas Henrique Margaride — único «habitrouge» em pista — nos recordou outras épocas já distantes.

Podê dizer-se que a organização correspondeu amplamente ao que se esperava. A pista, cuidada, oferecia agradável aspecto, estando os obstáculos bem dispostos e sem «trateiras».

O programa abriu com a prova «Inauguração», destinada a cavaleiros ainda não premiados com mil escudos. Terminou com a vitória de «Quer hoje», montado por Milho Ferro, que nos deu a surpresa de se colocar à frente de outros com melhores possibilidades.

Trigo de Sousa, no «Eclipse», obteve o 2.º posto da classificação, demonstrando mais uma vez as suas excelentes qualidades.

Nesta prova, que reuniu cavaleiros ainda pouco «metidos», dada a sua natureza, houve seis percursos sem faltas, tantos quantos eram necessários para que as seis taças coubessem em prémio a cavaleiros com percursos limpos. Conseguiram os restantes «Ambrize» (Luís Deslandes), «Pistolas» (António Damião), «Marvão» (José Moraes) e «Aborrecidos» (Cruz Azevedo) — este sem que o seu cavaleiro conseguisse saltar na pista de ensaio um único obstáculo...

Já fora da classificação — deve dizer-se que o número de prémios nos pareceu demasiado reduzido — há ainda a anotar os bons percursos de «Dreamthorp», bom cavalo, a que não falta classe e que Lemos da Silveira montou muito bem, e de «Tobruk», que Ivens Ferraz conduziu e que melhora de prova para prova.

O «Percurso de Caça», com obstáculos bem distribuídos por seis pistas, deu magnífica vitória ao alferes Barros e Cunha, no «Jocososo», conjunto que está impondo o seu valor, correspondendo com brilho às suas possibilidades. Com uma prova feita em 58 segundos, facilmente «Jocososo», cavalo bastante rápido, poderia ser batido. Ivens Ferraz no «Tobruk» e Trigo de Sousa no «Parquedista» foram os que mais se aproximaram, com percursos bem tirados e sem faltas.

Abundaram as provas «limpas» — 16 para 6 taças — mas as melhores em velocidade foram as de «Abandonado», «Sado», «Magulo» e «Quintal», montados por Henrique Calado, Fernando Pais, Joviano Ramos e Castro Pereira.

Dos outros sem faltas, agradaram-nos «Gudiana», bem conduzido por Lemos da Silveira; «Xerez», que Rangel de Almeida levou com muito cuidado; «Hopefull Don», com Castro Pereira; «In-

quiridora», montada por Carlos Granate; «Selecto», que perdeu tempo nas voltas mas que Joaquim Barreto montou bem; e «Palioia», que parece não ter esquecido que já venceu o «Grande Prémio» de Lisboa, agora conduzida por Coelho da Silva.

O «Grande Prémio» abriu o programa de domingo. Eram 18 obstáculos bem colocados no terreno, apenas com um triplo que se tornou difícil pelas reduzidas dimensões do campo e com um muro encarnado e vara, ingrato, mais pela própria sombra do que pela altura.

O primeiro percurso sem faltas e em bom andamento (1 m. 2 s.) conseguiu-o muito bem Correia Barreto, no «Raso», que se colocou largo tempo na vanguarda da classificação, depois de receber fartos aplausos; o segundo alcançou-o «Balada», com Kaula Arrigaga, que terminou com 1 m. 9 s. 4/5, tempo que lhe concedeu o 5.º prémio.

O «Selecto», com Joaquim Barreto, e o «Sado», com Fernando Pais, conseguem limpar obtendo o 4.º e o 3.º lugares, mas pouco depois entrou o «Zuaris», que, montado com inteligência por Henrique Calado, ganhou a prova, batendo por 2 segundos o tempo máximo; o «Raso» e arrancando grande ovação.

Castigados com um derrube, surgem-nos «Parquedista» (Trigo de Sousa), «Abandonado» (Henrique Calado), «Jocososo» (Barros e Cunha), «Abanão» (Vasco Cordeiro), «Marvão» (José Moraes), «Sagres» (Correia Barreto), «Magulo» (Joviano Ramos), «Zagal» (Vasco Ramires) e «Congos» (Reimão Nogueira). A seguir aos «limpos», e apenas com uma recusa arreliadora, ficou «Tarass», montado por Cruz Azevedo.

Dos 59 cavalos inscritos faltaram oito, foram desclassificados sete e desistiram três.

O programa do Concurso Hípico de Oeiras terminou com a prova «Discípulos», onde se travou «duelo» entre os rapazes do Colégio Militar e da «Mocidade Portuguesa». Um aluno do Colégio, Ricardo Ivens Ferraz, no «Quer hoje», obteve o 1.º lugar, montando com serenidade.

Assim terminou o Concurso de Oeiras, ao qual a Sociedade Hípica emprestou a sua valiosa colaboração e que decorreu num ambiente simpático.

ANTAS 'FEIXEIRA

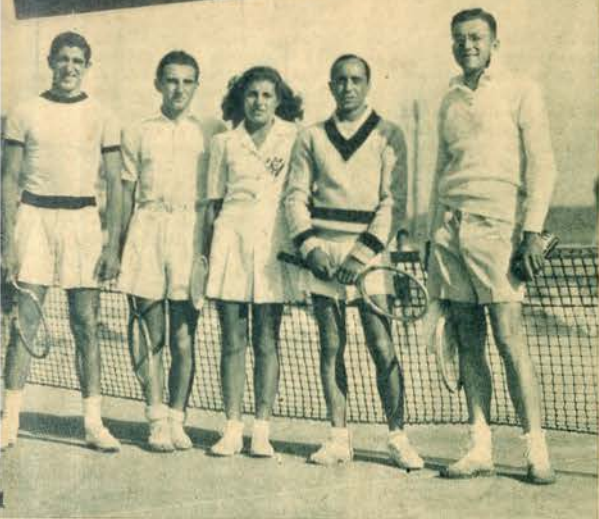
Ano III — II Série — N.º 140
Lisboa, 8 de Agosto de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
Sociedade das Revistas Gráficas, Lda.
Redacção e Administração
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 5.º
Telefone 51146 — LISBOA
Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



LAWN-TENNIS: 1 - A equipa do C. L. F. vencedora do campeonato de Portugal de «tennis» inter-clubes, 2.ª categoria. Da esquerda para a direita: Júlio Bastos, Agaveiro Gomes, Maria José Silva, Rui Pereira e José Pedro Galvão. **HOME-NAGENS:** - O Sporting ofereceu há uma semana um banquete aos seus inúmeros campeões, que reuniu cerca de 300 pessoas: 2 - Aspecto do ágape; 3 - O discurso do dr. Barreira de Campos. O Belenense homenageou também os seus campeões de «basketball» com um jantar que esteve bastante concorrido. Nas gravuras: 4 - A mesa de honra durante o brinde da Acácio Rosa, distinto dirigente dos sauzis; 5 - Os campeões belenenses e os seus consócios durante o regresso a Lisboa. **CICLISMO:** 6 - Lopes e Lourenço, animadores do festival de domingo. **REMO:** Os campeonatos nacionais na Figueira; 7 - A assistência nas bancadas; 8 - A tribuna de honra.



UM RECORDO BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por muito tempo compra-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiatar J. C. MOURA na Rua da Almeida, 145, faz dessas transacções se qualquer aumento de preço. V. Ex.ª tiver casa sua não é prejudicador para adquirir um bom fato sobretudo ou gabardine, assim como confeccções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta ocasião encontrará V. Ex.ª maior perfeição não paga luxo